

EDITORIAL

A Farsul celebrou, no mês de maio, seus 80 anos de história. Foram três dias de programação, que culminaram com uma festa para 1,5 mil pessoas no pavilhão Internacional do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. Além da participação de um grande número de autoridades, o evento foi uma demonstração da integração da Farsul com os demais segmentos da sociedade. Ao longo destas oito décadas, foram muitas lutas na busca de renda ao homem do campo. Mas o enfrentamento quase sempre foi o mesmo: a falta de políticas do governo federal para a agricultura brasileira. Apesar das comemorações, não se deixou de lado o momento pelo qual passa o setor e a realidade que deve ser alterada.

Além da cobertura completa das comemorações dos 80 anos, esta edição do jornal Sul Rural traz a notícia sobre o encontro entre os dirigentes de entidades representativas de produtores com a bancada federal e estadual gaúcha. A intenção é buscar apoio dos parlamentares para pressionar o governo federal a tomar medidas que contornem a crise pela qual passa o agronegócio. Os pleitos são de reescalonamento da dívida – que pode chegar a R\$ 100 bilhões em todo o Brasil –, redução dos juros e ações que compensem as variações no câmbio.

Mais uma vez, o problema é o mesmo: a falta de política para a agricultura. Se o governo federal oferecesse um seguro rural que protegesse o produtor dos problemas climáticos, a situação não teria chegado onde está. Neste ano, o Rio Grande do Sul deve colher uma safra cheia, mas a receita será suficiente para cobrir o custeio apenas desta colheita. O produtor ainda tem que saldar o passivo das duas safras anteriores, quando a renda foi prejudicada pela quebra de produção. Além disso, se o dólar flutuante é bom para a economia, deve haver medidas que protejam o agricultor destas oscilações. Isso sem falar nos juros. Enquanto a taxa Selic (taxa básica da economia) caiu de 27% para 12%, os juros dos empréstimos agropecuários continuam em 8,75%.

Os pleitos já foram entregues aos ministros, em Brasília, mas nenhuma medida foi tomada até o momento. Agora, a Farsul – acompanhada da Fetag, Federrarroz, Fearroz e Fecoagro – buscam fazer um levante, com o apoio dos parlamentares e do governo gaúcho, para cobrar soluções. Até o dia 25 de junho, quando será anunciado o Plano de Safra, todas as formas possíveis serão usadas para demonstrar ao Executivo federal que o campo está esgotado e precisa de amparo, ou não terá condições de continuar produzindo alimentos.

Meu boi barroso, meu boi pitanga...

Blau Souza*

É tão importante a bovino-cultura para o continente americano, que é difícil pensar em regiões como a do pampa sem a presença de gado. Entretanto, isso era a realidade há cerca de cinco séculos. O gado chegou com o colonizador europeu e a sua evolução foi incrementada pelos jesuítas, que semearam núcleos de criação e engorda de bovinos em pleno século XVII em plagas que hoje integram o Rio Grande do Sul. A saída dos padres da margem esquerda do Rio Uruguai deixou um gado sem dono a multiplicar-se e a ser atacado por homens sem lei e sem bandeira, que abatiam rezes para aproveitamento do couro. Estes homens passaram a ser conhecidos como gaudérios e, depois, como gaúchos. Mas não foi esquecida a cultura das Missões e o gado continuou a fornecer carne, leite, couro, chifres, adubo e a ser usado para puxar arados, carretas, ou para mover moinhos, atafonas, olarias e outros equipamentos. Tudo com a participação humana para obter vacas e bois mansos, para cuidar dos rebanhos e para conduzi-los como tropeiros, séculos antes da chegada do asfalto e dos caminhões boiadeiros. Não foi por acaso que se falou de uma *Civilização do Couro* no Brasil, nem tampouco da participação do boi no folclore e em tantas manifestações culturais do país.

Lembro das cantigas da infância, das lendas, das histórias à beira do fogo. *Meu boi Barroso, meu boi Pitanga, // o teu lugar, o teu lugar é lá na canga*. Versos como esses perpassam gerações e representam amostra valiosa de um Brasil

mais agrícola do que o atual e bem anterior à mecanização da lavoura. A canga, o jugo, o peitoral, tudo o que facilitasse o aproveitamento da força do boi ou do cavalo foi criado e melhorado pelo homem através dos séculos. Mas o progresso os deslocou para uma posição secundária, complementar e sem volta. Imagine o leitor a quantidade de bois mansos necessária para tocar as lavouras no Rio Grande do Sul de hoje se desaparecesse a mecanização agrícola. Para cada quadra de arroz se apregoava a necessidade de uma junta de bois.

Confiando na valorização científica da proteína animal, resistindo aos discursos apaixonados dos vegetarianos e cultivando o hábito de bem comer, estou certo da necessidade de produzir carne cada vez melhor. Bois tranquilos, engordando soltos no campo, sem parasitas ou doenças, livres de estresse até na hora do abate, fazem felizes os homens das estâncias, proprietários e empregados, todos conscientes de estarem produzindo o alimento mais nobre para a alimentação do mundo.

Assim, uma lavoura de cem quadras exigiria uma tropa de duzentos bois e a ocupação de algumas quadras de campo para bem acomodá-los. E onde ficaria a maciez da carne, como a obtida com o abate de novilhos jovens? É certo que ela não estaria presente na carne fibrosa e dura de bois velhos, após anos de puxar arado. Não se quer bois sendo massageados ou consumindo cerveja para conseguir carne de maciez excepcional a ser ingerida uma vez

por semana por japoneses ricos. O mundo quer carne macia e saborosa obtida de animais sãos, comedores de pasto e que bebam água sem contaminações. Isso é alcançável com alguma facilidade no pampa e com a predominância das raças européias adaptadas ao nosso clima. Confiando na valorização científica da proteína animal, resistindo aos discursos apaixonados dos vegetarianos e cultivando o hábito de bem comer, estou certo da necessidade de produzir carne cada vez melhor. Bois tranquilos, engordando soltos no campo, sem parasitas ou doenças, livres de estresse até na hora do abate, fazem felizes os homens das estâncias, proprietários e empregados, todos conscientes de estarem produzindo o alimento mais nobre para a alimentação do mundo. Com algum otimismo, acredito que o tapejara e vaqueano Blau Nunes, continuará seu fadário menos triste e que o homem tenha melhorado o suficiente para não sangrar algum boi velho que reapareça na estância a procura da carreta em que conduzia o pessoal das casas para passeios ou para o banho de arroio. O irrequieto Simões Lopes Neto, invadido nesta crônica, perdoará meu desrespeito, ele o inovador, o incompreendido, o capitão da Guarda Nacional e que em seu tempo, segundo Carlos Reverbél, era apenas um escritor municipal. Por tudo isso, atento aos acontecimentos neste início de século, ousou cantarolar os versos folclóricos com pequena alteração: *Meu boi Barroso, meu boi Pitanga, // o teu lugar, o teu lugar NÃO é na canga*.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul

CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila e arquivo
Colaboração:
Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170